

# ANEXOS

## Anexo 1 - Plano Anual de Atividades

<u>1º Período</u>	<u>2º Período</u>	<u>3º Período</u>
<p><b>SETEMBRO:</b></p> <p>2- início do ano letiv</p> <p>23- início do Outono: "Sou capaz de ...fazer compota de abóbora"</p> <p>27- reunião de pais</p> <p>- "Sou capaz de...assistir ao teatro na escola sobre dragões, princesas e muitas certezas."</p>	<p><b>JANEIRO:</b></p> <p>2 – Início do 2º período</p> <p>6 – Dia de Reis: " Sou capaz de confeccionar um bolo rei"</p> <p>15 – Dia mundial do compositor: "Sou capaz de... criar uma musica com a ajuda de um pai compositor"</p>	<p><b>ABRIL:</b></p> <p>22 – Início do 3º período</p> <p>23 – Dia mundial do livro: "Sou capaz de...fazer um livro e apresenta-lo aos outros grupos"</p> <p>29 – Dia mundial da dança: "Sou capaz de...ir a uma "discoteca" e fazer uma coreografia"</p> <p>30 – Visita ao museu Marta Ortigão Sampaio: " Sou capaz de... visitar o museu e fazer uma jóia"</p>
<p><b>OUTUBRO:</b></p> <p>1 – Dia mundial da música: " Sou capaz de... visitar a casa da música a pé.</p> <p>4 – Dia mundial do animal: "Sou capaz de cuidar e dar de comer a pôneis no Pony Club do Porto"</p> <p>16 – Dia mundial da alimentação "Sou capaz de,,, através de um teatro reconhecer alimentos saudáveis e não saudáveis"</p> <p>31 – Dia das bruxas " Sou capaz de ...vir fantasiado de casa e jogar ao doçura ou travessura."</p>	<p><b>FEVEREIRO:</b></p> <p>14 – Dia dos afetos: " Sou capaz de...fazer uma caça ao tesouro e descobrir a importância da amizade"</p> <p>21 – Teatro na Exponor: "Sou capaz de assistir ao teatro: Quando for grande quero ser..."</p> <p>28 – Festa de Carnaval " Sou capaz de... me disfarçar para que os outros me descubram"</p>	<p><b>MAIO:</b></p> <p>5- Dia da mãe: "Sou capaz de... preparar o pequeno almoço para a mãe"</p> <p>15- Dia mundial da família: " Sou capaz de...construir uma árvore genealógica com a minha família"</p> <p>16- Visita à Qta da Macieirinha: " Sou capaz de...visitar um museu e fazer uma atividade surpresa"</p> <p>30- Dia mundial da criança: " Sou capaz de fazer um piquenique na quinta da Eira"</p>
<p><b>NOVEMBRO:</b></p> <p>11 – Dia de S. Martinho: "Sou capaz de... saltar a fogueira e lanchar em convívio com os meus amigos"</p> <p>20 – Dia dos direitos internacionais da criança "Sou capaz de... dar os meus brinquedos e roupas a crianças necessitadas"</p>	<p><b>MARÇO:</b></p> <p>19 – Dia do Pai "Sou capaz de preparar o pequeno almoço para o meu pai"</p> <p>21 – Início da Primavera "Sou capaz de plantar um feijão e tomar conta dele"</p> <p>27 – Dia mundial do teatro "Sou capaz de assistir a uma peça de teatro produzida pelas crianças dos 4 e 5 anos.</p> <p>28 – Visita à cidade do Porto em comboio: " Sou capaz de...reconhecer</p>	<p><b>JUNHO:</b></p> <p>3 – Celebração do Dia mundial do Ambiente: " Sou capaz de... visitar a horta, aprender a reciclar e a fazer atividades na Lipor"</p> <p>20 – Festa de fim de ano (para família e crianças)</p> <p>25 a 30 – Praia: " Sou capaz de... me divertir ao ar livre"</p>

	alguns monumentos e locais da cidade do Porto	
<b>DEZEMBRO:</b>  <b>2 a 6</b> – Recolha para os bebés do S. João  <b>13</b> - Festa de Natal (só crianças)  <b>21</b> - Início do Inverno “ Sou capaz de...construir um painel com toda a instituição  <b>24</b> - Encerrados	<b>ABRIL:</b>  <b>2</b> – Dia internacional do livro infantil:”Sou capaz de... partilhar a minha história preferida” <b>7</b> – Dia mundial da saúde:” Sou capaz de ...aprender as regras de higiene oral com uma dentista” <b>16</b> – Festa da Páscoa: “Sou capaz de... confeccionar bombons de chocolate com a ajuda de uma profissional”	<b>JULHO:</b>  <b>1 a 11</b> - – Praia: “ Sou capaz de... me divertir ao ar livre”

## ANEXO 2 – Gráficos

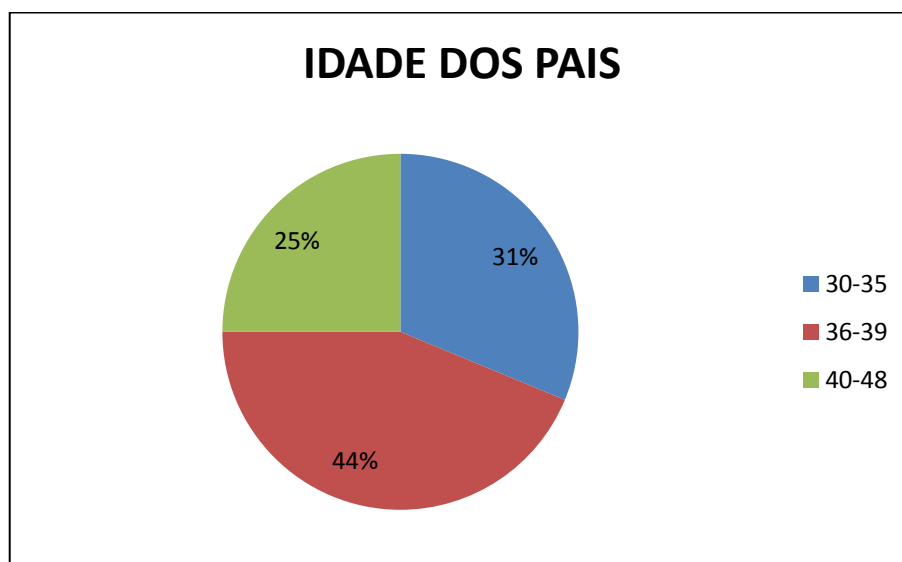


Gráfico nº 1 – Caracterização das famílias segundo a idade do pai

No gráfico nº1, verifica-se que a maioria dos pais tem idades compreendidas entre o 36 e 39 anos, com 44%. De seguida, a maior percentagem verifica-se com os pais que têm idades compreendidas entre os 30 e 35 anos, com uma percentagem de 31%. Os pais com idades entre os 40 e 48 anos representam 25%.

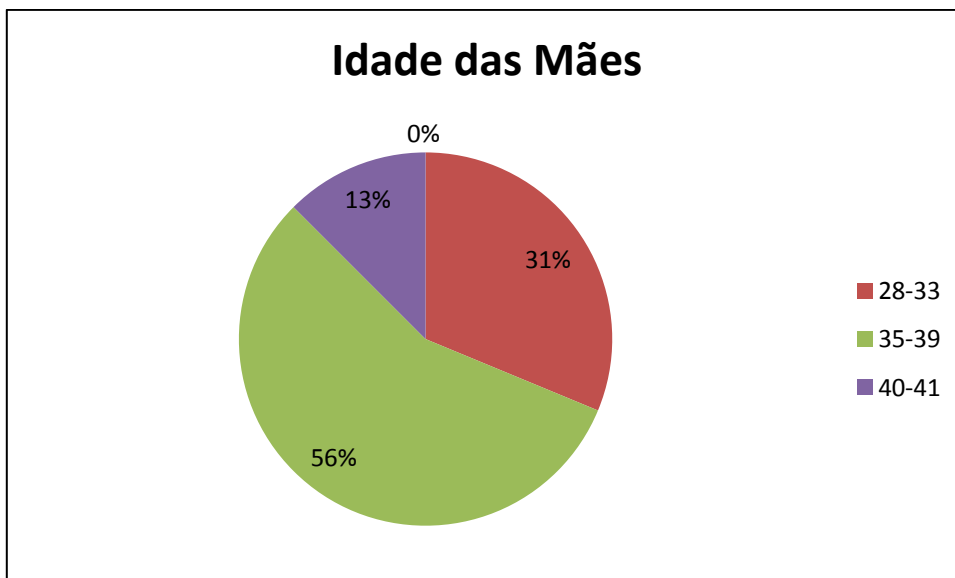


Gráfico nº 2 – Caracterização das famílias segundo a idade da mãe.

No gráfico nº 2, observa-se que a maioria das mães tem entre 35 a 39 anos. Com 31%, encontramos mães cuja idade compreende os 28 e os 33 anos e 13% das mães têm idades compreendidas entre os 40 e 41 anos.

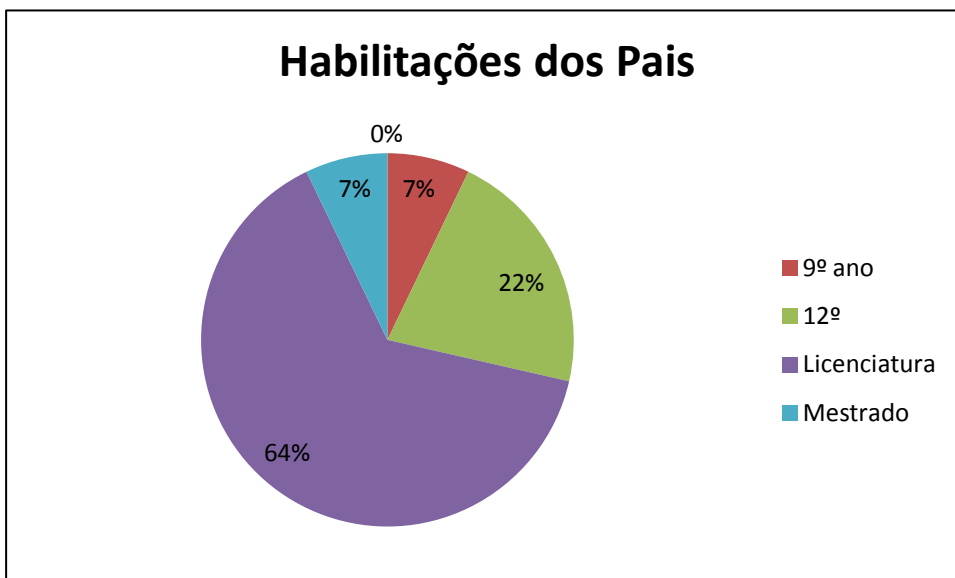


Gráfico nº 3 – Caracterização das famílias segundo as habilitações académicas dos pais.

No gráfico nº3, verifica-se que a maioria dos pais tem o grau académico de Licenciatura, com 64%. Existem 22% dos pais que possuem o Ensino

Secundário e 7% dos pais têm o Mestrado e os outros 7% dos pais têm o 9º ano.

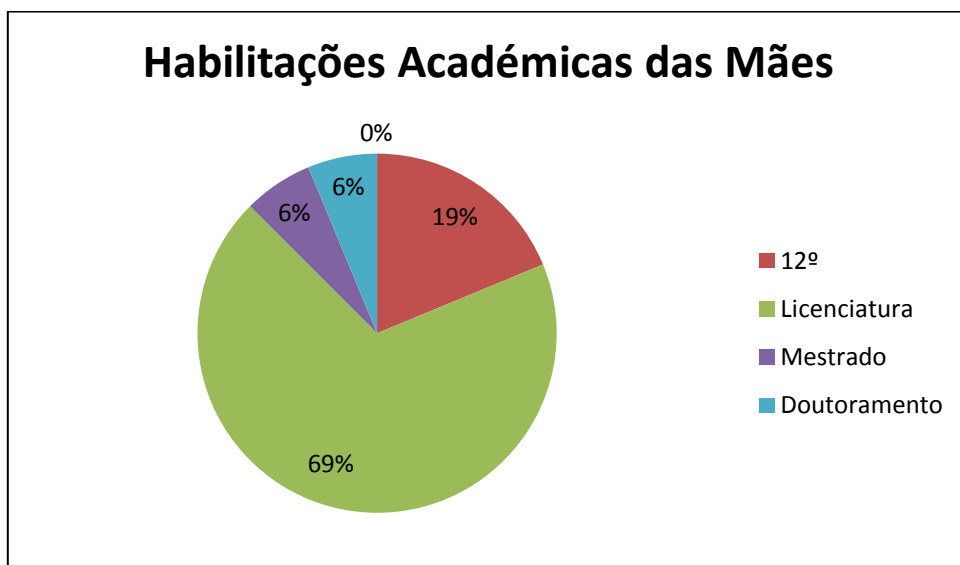


Gráfico nº 4 – Caracterização das famílias segundo as habilitações académicas das mães.

No gráfico nº4, 69% das mães têm o grau académico de Licenciatura e 6% têm o Doutoramento e os outros 6% têm o Mestrado. Existem 19% dos pais que possuem o Ensino Secundário.

## Profissões do Pai

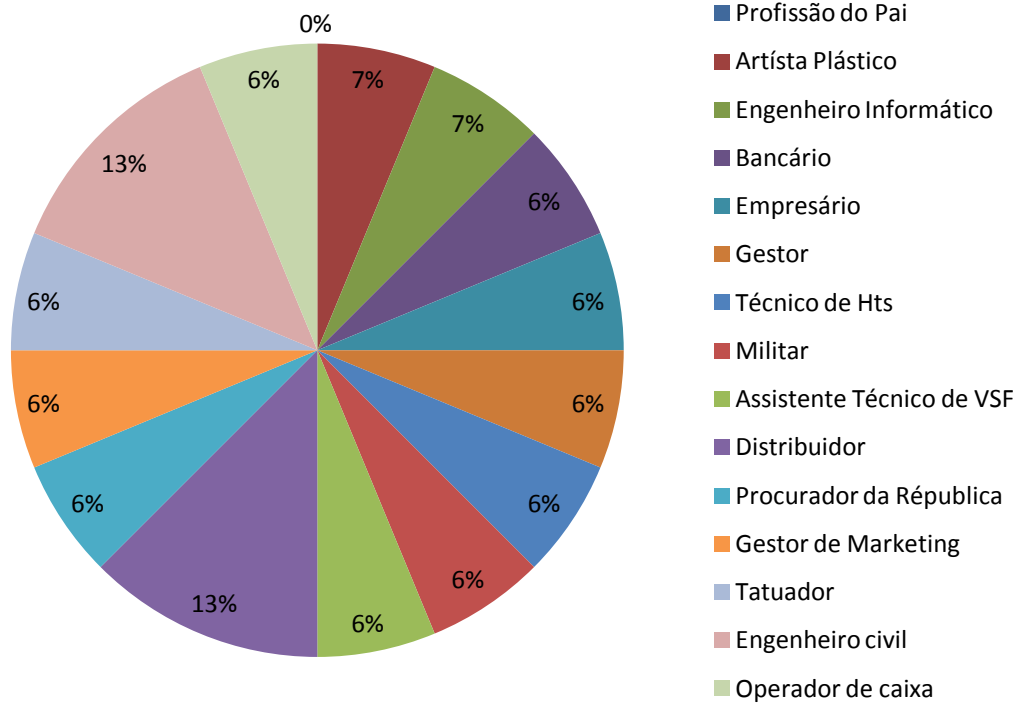


Gráfico nº 5 – Caracterização das famílias segundo as profissões dos pais



Gráfico nº 5 – Caracterização das famílias segundo as profissões dos pais

No gráfico nº5, verifica-se que 13% dos pais têm as profissões de Engenheiro Civil e os restantes 13% dos têm a profissão de distribuidor. De seguida, 7% dos pais têm como profissão Artista Plástico e Engenheiro Informático. Os restantes 60% têm as outras diversas profissões, tais como 6% ser tatuador, outros 6% ser Procurador da República, Bancário entre outras.

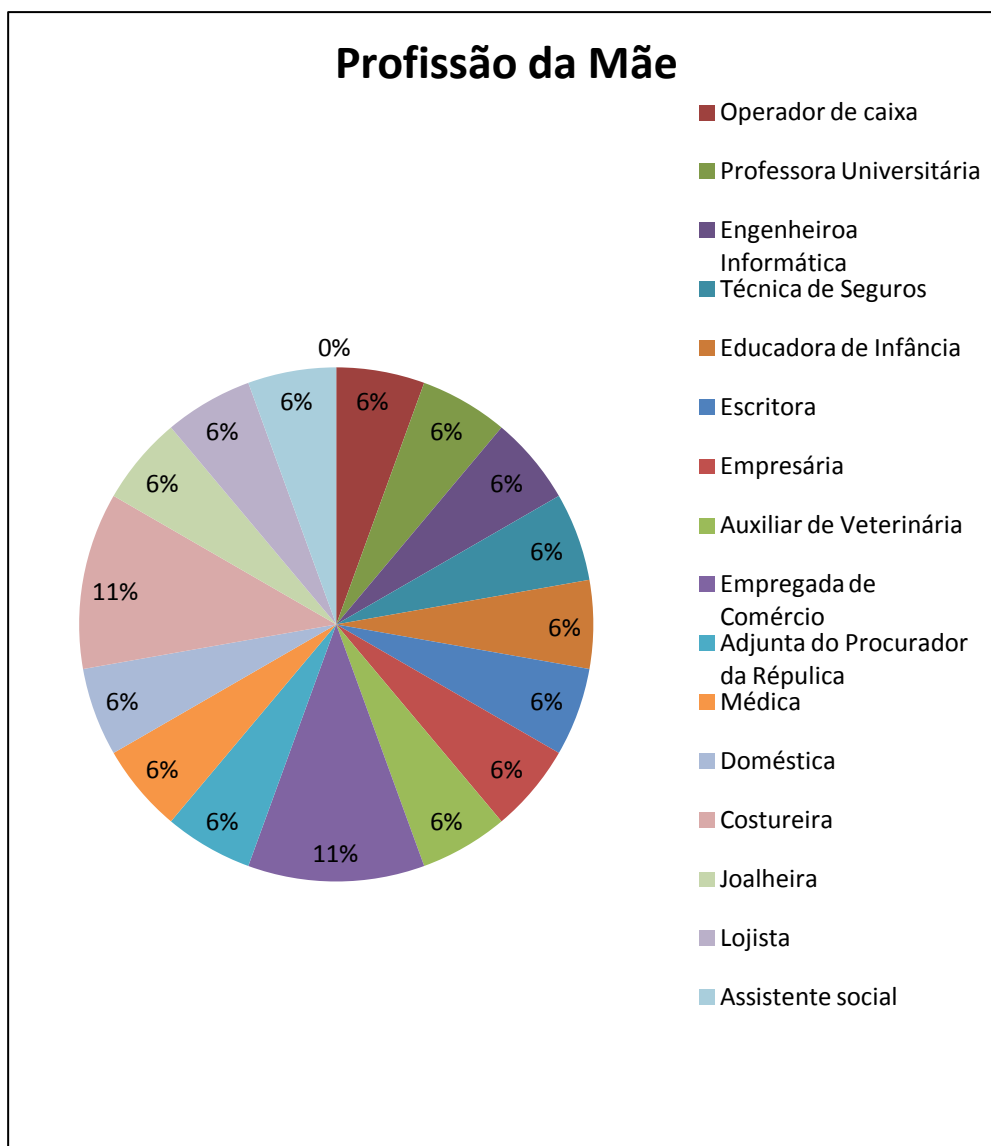
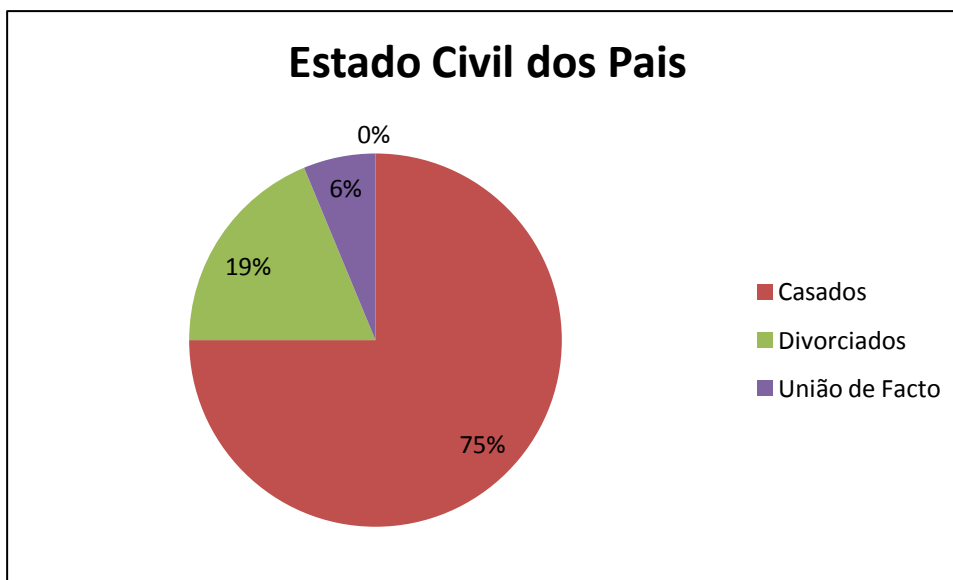


Gráfico nº 6 – Caracterização das famílias segundo as profissões das mães.

No gráfico nº6, verifica-se que 11% das mães têm como profissão ser empregada de Comércio e Costureira. As restantes 89% têm as outras profissões como Médica, Assistente Social, Joalheira.



De acordo com o gráfico nº7, 75% dos pais são casados. 19% dos pais são divorciados e os restantes 6% vivem em união de facto.

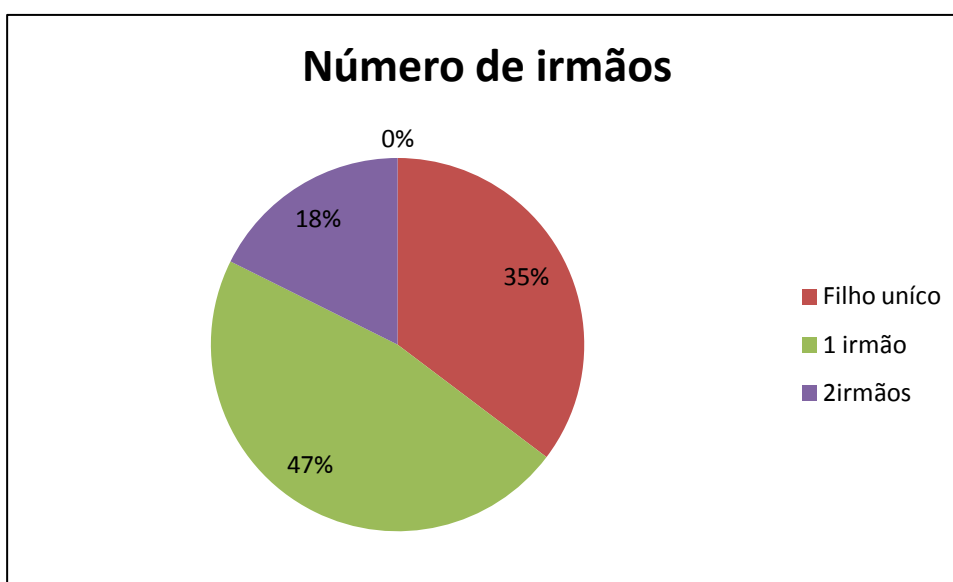


Gráfico nº 8 – Caracterização das famílias quanto ao nº de filhos.

Segundo o gráfico nº8, verifica-se que 47% das crianças têm apenas 1 irmão. Na sala dos 3 anos, 35% das crianças são filhos únicos. Apenas 18% das crianças têm mais do que 1 irmão.



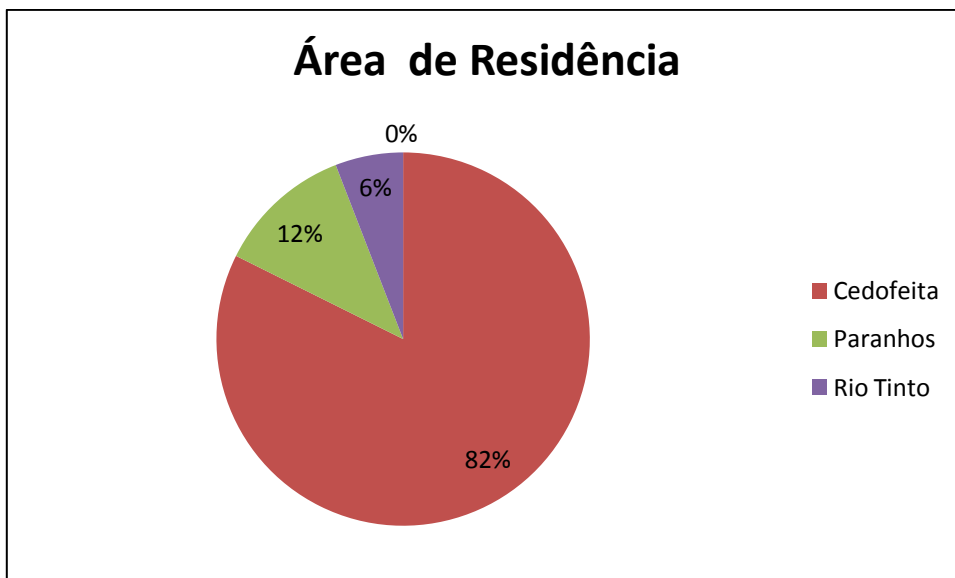


Gráfico nº 9 – Caracterização das famílias quanto local onde habitam

No gráfico nº9, verifica-se que 82% das crianças habitam na zona de Cedofeita e 12% habitam em Paranhos. No entanto, 6% das crianças moram em Rio Tinto.

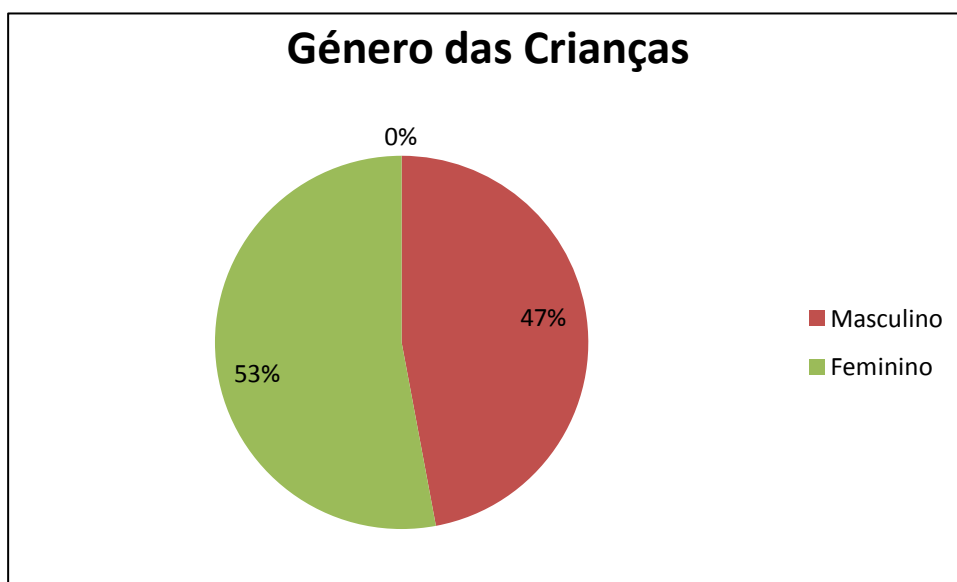


Gráfico nº 10 – Caracterização do grupo quanto ao género

Com a análise do gráfico nº 10, pode-se constatar que mais de metade do

grupo é constituído pelo sexo feminino, com 53%. Representado com 47% está o sexo masculino.

### **ANEXO 3- Interação entre crianças com NEE e os seus pares**

Registo fotográfico nº1



Registo nº 2



Registo nº 3



Registo nº 4





Registo nº5



Registo nº 6



Registro nº 7



Registro nº 8



## Anexo 4- Registos de observação

Registo de observação nº 1

### Descrição diária

Nome da criança: C

Idade: 3 anos

Observadora: Inês (estagiária)

Data: 28/11/2013

### Descrição

A criança C. dirige-se à estagiária, agarra-lhe a mão e diz-lhe: *“Eu quero o carrinho que M. tem.”*. A estagiária responde-lhe: *“M. já tinha o carrinho, agora é ela que está a brincar.”*. A criança C. responde: *“Mas eu quero!”*. A estagiária responde-lhe: *“Tu já perguntaste ao M. se te pode emprestar o carrinho para brincar?”*. A criança C. responde: *“Não!”*. A estagiária diz-lhe: *“Então vai lá e pergunta-lhe se te pode emprestar o carrinho.”* A criança C. dirige-se à criança M., aponta para o carrinho e pede-lhe o carrinho emprestado. A criança M. olha para o carrinho e dá-o à criança C.

### Comentário

A criança C., geralmente, tira os brinquedos da mão das outras crianças, não perguntando se pode pegar naquele brinquedo ou esperando que o brinquedo esteja livre. Estarei atenta à criança C., a fim de perceber se tomará esta situação como um “ritual”.

## Registo de observação nº 2

### **Registo de incidente crítico**

Nome da criança: G.

Idade: 3 anos

Data: 04/ 10/ 2013

Observadora: Inês (estagiária)

### **Incidente**

G. está na casinha com a D e G. diz: *“Tu és a minha filha e és um bebé!”*. D respondeu: *“E tu és a minha mãe”*. G. diz-lhe: *“Então anda. Tens que dormir na cama.”*D, apontando para o espelho diz-lhe: *“Mas isto não é um espelho!”*.G. responde-lhe: *“É a fazer de conta!”*.

### **Comentário**

Através deste registo, pode-se concluir que a G. evidencia a função simbólica, através do jogo simbólico (o espelho simboliza uma cama), bem como se envolve num jogo de faz de conta, estabelecendo relações de parentesco.

## Registo de observação nº 3

### **Registo de incidente crítico**

Nome da criança: L

Idade: 3 anos

Data: 25/ 10/ 2013

Observadora: Inês (estagiária)

### **Incidente**

A criança L durante o acolhimento, no momento de marcar as presenças diárias das crianças, no quadro das presenças, quando a estagiária pergunta: *“Então meninos sabem que dia é hoje?”* responde imediatamente: *“. É dia de levar a mochila, os lençóis, o cobetor e a bata para casa.”* A estagiária acena-lhe assertivamente com a cabeça e diz-lhe: *“Muito bem L.”* A estagiária acaba de falar e a criança L continua. *“E amanhã não venho para a escola. A estagiária diz: Pois não porque amanhã é Sábado”* L diz *“Vou tar em casa com a mãe, o pai e o mano”*

### **Comentário**

Através deste registo, conclui-se que a criança L reconhece alguns dias da semana, e associa as rotinas de cada um dos dias. Para além disso, a criança L tem já a noção do ontem e hoje.



## Registo de observação nº 4

### **Registo de incidente crítico**

Nome da criança: D.

Idade: 3 anos

Data: 17/ 04/ 2014

Observadora: Inês (estagiária)

### **Incidente**

A criança D estava com outras crianças na área da casinha e M dirige-se à mesma para brincar deitando-se no chão. As crianças começam a gritar dizendo " *sai da daqui*" M não saiu. A educadora tirou M da casinha e M foi para a área das construções. Quando D saiu da casinha foi também brincar para as construções começando a fazer construções com legos e tira alguns legos a M. M levanta-se e empurra D várias vezes até cair no chão. D age de seguida gritando e empurrando D.

### **Comentário**

Através deste registo, conclui-se que a criança D e as restantes crianças que estavam na casinha rejeitaram M. Após M ter sido levado pela educadora para a área das construções, a criança D após ter saído da área da casinha dirigiu-se para a mesma área que M estava. D não teve uma atitude correta, porque primeiro rejeitou M na casinha e depois na área das construções retira-lhe os legos com que estava a brincar. De seguida M agiu com instinto de defesa tirando-lhe o lego e empurrando D.

### **Registo de incidente crítico**

Nome da criança: D.

Idade: 3 anos

Data: 20/ 02/ 2014

Observadora: Inês (estagiária)

#### **Incidente**

A criança D no momento em que estava na área da expressão plástica dirige-se à estagiária e diz: *“Olha Inês no dia levar os lençóis vou para casa com a minha mãe.”* A estagiária responde a D *“Pois é verdade, mas só vais à noite.”* D acena positivamente com a cabeça e a seguir diz *“E amanhã não venho para a escola, porque é sábado e depois é domingo. E fico com a mamã em casa”.*

A estagiária diz *“Muito bem D”.*

#### **Comentário**

Através deste registo, conclui-se que a criança D reconhece alguns dias da semana e associa as rotinas de cada um dos dias. Para além disso, a criança D já tem noção do ontem e hoje.

## Registo nº 6

### **Registo de incidente crítico**

Nome da criança: L.

Idade: 3 anos

Data: 12/ 02/ 2014

Observadora: Inês (estagiária)

### **Incidente**

A criança L enquanto ouvia a música do papagaio loiro, dirige-se à estagiária “ Inês sabes quem é o meu namorado? “ A estagiária diz “ Não”. L diz “ É o meu pai.”

A estagiária diz a L “ Isso não pode ser.” L diz “ Mas porquê?” A estagiária responde” Porque os pais não podem ser namorados dos filhos.” L diz “ Mas então quem vai ser o meu namorado?” A estagiária diz ” Não sei L, tu é que tens que escolher alguém que gostes muito”. L ficou chateada e amou.

### **Comentário**

Através deste registo, conclui-se que a criança L situa-se na fase de desenvolvimento do Complexo de Édipo. Este conceito criado por Freud, em que a criança L ao atingir o período sexual fálico, dá-se conta da diferença entre os sexos. L neste momento tende a fixar a sua atenção nas pessoas do sexo oposto, que no seu meio familiar é o pai. L “apaixona-se”pela figura que lhe é importante e essencial. E vê nela alguém que satisfaz os seus desejos de conforto e prazer.

A criança L ao intitular-se ou sentir-se “ namorada do seu pai” faz com que L demore a perceber-se individualmente.

## Registo de observação nº7

### **Registo de incidente crítico**

Nome da criança: J

Idade: 3 anos

Data: 13/ 05/ 2014

Observadora: Inês (estagiária)

### **Incidente**

A criança M estava sentada numa cadeira na área de expressão plástica e de seguida começa a gritar demonstrando agitação. J observa por alguns minutos M e dirige-se à estagiária e à auxiliar e diz: “ M não está nada bem” “ Não está mesmo bem”. A estagiária e auxiliar perguntam: “ Porquê?” ao que J responde “ ele está sempre a gritar, não está mesmo nada bem. M está mesmo precisar de fazer um check-up”.

### **Comentário**

Através deste registo, conclui-se que a criança J é uma criança que tem a noção de que M é uma criança diferente dos outros meninos e meninas da sala. E que às vezes grita na sala e fica agressivo.

## Registo de observação nº 8

### **Registo de incidente crítico**

Nome da criança: L.

Idade: 3 anos

Data: 27/ 05/ 2014

Observadora: Inês (estagiária)

### **Incidente**

A criança A vê a criança L chegar e diz: “ Olá L” mas L não responde. A volta a dizer: “ Ola L”. L amua e demonstra estar chateada e diz: “ Eu não sou tua amiga, tu fazes xixi e cocó nas cuecas”. “ Eu não sou tua amiga”. A estagiária ao observar a situação dirige-se a L e diz: “ L não deve dizer isso, porque A sempre foi teu amigo. E tu não podes escolher os amigos por essa razão.” L amua e de seguida responde: “ Eu não sou amiga dele, ele faz cocó e xixi nas cuecas”. O pai de L assistiu à situação e disse-lhe: “ Tu fazes muitas vezes asneiras e zango-me contigo e fico triste pelo que tu fazes e dizes, mas não é por isso que deixo de ser teu amigo”.

### **Comentário**

Através deste registo, conclui-se que a criança L rejeitou A pelo motivo que refere. L é uma criança que tem bastante dificuldade em ouvir o outro e quando um adulto ou uma criança dá uma opinião que L não concorda, esta amua e faz birras.

L é uma criança por vezes conflituosa na relação que estabelece com os outros, neste sentido considero que é importante chamá-la a atenção nestas situações e ajuda a refletir e a mudar as suas atitudes menos positivas, par que L consiga cria ruma melhor relação com A e com as restantes crianças.

## Registo de observação nº 9

### Registo de incidente crítico

Nome da criança: C

Idade: 3 anos

Data: 20/ 05/ 2014

Observadora: Inês (estagiária)

### Incidente

C. está brincar com outras crianças no recreio, de seguida vê a estagiária e diz "Ó Inês, *ninguém que bincar comigo?*" " Pergunta a estagiária" e *porque C?*" C responde "não sei". De seguida o grupo de crianças com quem C estava a brincar dirige-se à estagiária e dizem " *A C bateu a nós depois empurrou e apertou o pescoço?*" A estagiária diz " *fizeste isso C aos amigos?*" C responde " sim". A estagiária pergunta a C " *porque magoas-te os amigos?*" C encolhe os ombros e a estagiária diz " *C os amigos não querem brincar contigo, porque tu bates neles*". " *O que achas que tens de fazer para os amigos brincarem contigo?*" C responde " *abaços e beijinhos*" e " pedir desculpa" diz a estagiária. C apenas pede desculpa ao grupo de crianças e passando algum tempo volta a bater nas crianças.

### Comentário

C sente-se rejeitada pela maior parte das crianças, porque constantemente bate nelas. Porém as crianças fazem queixa de C e frequentemente dizem-lhe que não querem brincar com ela. Como estagiária tenho chamado atenção C para não bater nas restantes crianças explicando, que assim elas não vão querer brincar com ela. Considero, que através deste registo, pode-se concluir que é importante ajudar C a refletir sobre outras formas de interagir com o grupo, através dos afetos e sentimentos, levando assim, C a ser aceite e a aprender a lidar de forma saudável com o grupo e vice-versa. Contudo sempre

que C lidar com o grupo através de gestos carinhoso, deverá ser elogiada para que possa reforçar o comportamento positivo.

## Registo de observação nº10

### **Registo de incidente crítico**

Nome da criança: S

Idade: 3 anos

Data: 04/ 05/ 2014

Observadora: Inês (estagiária)

### **Incidente**

A criança S no momento em que a educadora estava na manta a falar para todo o grupo S aproxima-se M que estava no centro da manta e abraça-o e faz-lhe carinhos com as mãos. Após ter observado S a estagiária diz “ Muito bem S”.

### **Comentário**

Através deste registo, conclui-se que a criança S é a primeira vez que espontaneamente tem um gesto carinhoso para com M. S foi reforçada positivamente pelo seu ato, uma vez que até este momento rejeitava e tinha medo de M.



## Anexo 5-Intervenção na instituição



Registo nº 1

Registo do placard onde as crianças das três salas partilhavam o que realizavam.



Registo nº 2

Decoração das taças realizadas pelas crianças.

## Anexo 6- áreas da sala



1 Área da casinha



2 Área dos jogos



**2 Área dos jogos**



**3 Área da biblioteca**



## Anexo 7-Instrumentos de organização social do grupo



Quadro das regras  
Colar do responsável





Quadro de aniversários



Registo de crianças nas áreas.



**Tabela de Presenças**

## **Anexo 8 – Reflexão sobre os instrumentos de organização social do grupo.**

Reflexão

Inês Saraiva

Data: 12/12/2013

### “ Instrumentos de organização social do grupo”

Esta reflexão tem como tema os instrumentos de organização social do grupo.

Considero organização da sala deve ter uma estrutura básica que proporciona oportunidades para as crianças aprenderem.

Na sala onde está ser feito o estágio, o grupo tem ao seu dispor um conjunto de instrumentos que ajudam a regular o que acontece na sala.

O mapa de presenças é um quadro com uma entrada e com os dias da semana na fila superior e os nomes das crianças por baixo da sua fotografia. Todas as manhãs que estão no jardim-de-infância as crianças marcam as presenças. Considero que este instrumento é usado como um registo de presenças normal, mas tem a função de oferece outras oportunidades de leitura como a descoberta dos ritmos temporais.

Uma das crianças D, no dia anterior não tinha vindo para o jardim-de-infância, no dia seguinte quando marcou a presença D observou que sua fotografia estava na casa e fez o seguinte comentário: “*Ontem eu não vim à escola*”. O quadro de presenças também permite ao educador questionar o grupo nestas situações sobre quem é que veio à escola e quem não veio.

Outro instrumento que faz parte da sala é o quadro de aniversários, em que cada criança representa um animal e está identificado com a sua fotografia, o que permite ao grupo saber a que criança pertence o animal. Depois sempre que uma criança fizer anos tem uma coroa, para que a criança e o restante grupo identifiquem quem foram as crianças que já fizeram anos e as que ainda vão fazer.

O quadro de limite das crianças pelas áreas é outro instrumento de organização social do grupo que faz parte da sala. Este instrumento é importante, porque permite às crianças poderem frequentar as diversas áreas

durante os momentos de atividades livres; por conseguinte reduzir a gestão de conflitos e também para regular o trabalho individual e do grupo. Por exemplo a estagiária questionou o grupo “Porque é que estas não têm ido para a área da biblioteca?” o que permite as crianças regular o trabalho individual e refletir com o grupo o que poderia ser melhorado nesta área. Os educadores/as são responsáveis pelo facto de motivar as crianças, para que estas frequentem as várias áreas da sala. É importante fazer uma auto reflexão e também refletir com o grupo quando este não frequenta uma determinada área.

Na sala onde me encontro a estagiar este instrumento surgiu, porque algumas crianças do grupo achavam que havia um número elevado de crianças e criava muita confusão nas áreas, sobre tudo naquelas que são mais frequentadas. Nesta situação ao dar importância e favorecer a escuta ativa das crianças, foi importante para estas, porque sentiram que falaram de um assunto que as preocupava e por outro lado enquanto estagiária consegui responder às necessidades do grupo.

Considero que serão importantes utilizar outros instrumentos de organização social do grupo, como as reuniões em grande grupo em que as crianças dialogam sobre o que fizeram em pequeno e grande grupo e planeiam o que querem fazer na próxima semana. É importante para o grupo planejar com a educadora/estagiária, porque permite às crianças de uma forma progressiva antecipar, estruturar e planejar as suas atividades. “*O planeamento realizado com a participação das crianças, permite ao grupo beneficiar, da sua diversidade, das capacidades e competências de cada criança, num processo de partilha facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento de todas e de cada uma.*” (Orientações para a Educação Pré – Escolar 1997:26)

O quadro das regras da sala, irá ser introduzido, o que permite a cada criança respeitar o grupo e contribuir para que exista uma melhor gestão individual e do grupo.

O mapa das tarefas é outro instrumento que vai ser utilizado. Vão estar presentes as criança/as responsáveis por realizar tarefas como: ser o responsável por fazer o combóio, o responsável por verificar se a sala está arrumada incluindo os materiais. Estas tarefas serão distribuídas semanalmente pelas crianças, permitindo que haja rotatividade por todo o grupo.

“*Os instrumentos de organização social do grupo “podem facilitar a organização e a tomada de consciência de pertença do grupo, e ainda, a atenção e o respeito pelo outro.*” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar 1997: 36)



Enquanto refletia sobre esta temática, tendo em conta o grupo onde estou inserida surgiu a seguinte questão: Será complicado manter todos estes instrumentos tão diversificados e conseguir que um grupo de três anos tão heterogéneo no seu desenvolvimento, os usem sistematicamente? Mas depois cheguei à conclusão que este grupo será capaz, mas progressivamente, só depois de conseguirem utilizar corretamente, é que se poderá utilizar novamente outro tipo de instrumento. Por vezes, as crianças mais velhas da sala querem ajudar as crianças com mais dificuldades, mas também as crianças mais novas costumam imitar as mais velhas. Todo este processo ajuda a que as crianças mais novas ou com mais dificuldade comecem a perceber qual a função de cada instrumento e a coloca-lo em prática.

Enquanto futura educadora e profissional reflexiva considero que todos estes instrumentos facilitam a organização democrática (facilitam na gestão social do grupo) e ajudam as crianças a integrar as suas próprias experiências no grupo. E também facilitam uma noção do grupo por parte das crianças.

*“ A atitude do educador, a forma como se relaciona com as crianças, desempenha um papel fundamental neste processo” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar 1997:36)*

O professor tem o papel importante de promover a colaboração e a cidadania democrática, ouvindo e estimulando as crianças para se expressarem livremente, a autonomia e a responsabilidade, espírito crítico etc, fazendo com que as crianças progredam no seu desenvolvimento.

## Anexo 9 – Entrevistas

Entrevista à Educadora do ensino especial.

Entrevistado: Educadora de ensino especial

Entrevistador: Estagiária

Dia: 15/05/2014

Hora: Início- 12h Fim: 13h

Entrevistador: **“Como se posiciona em relação às dificuldades das crianças com NEE?”**

Ed. de ensino especial: “O que me preocupa mais nas crianças com NEE é a participação das crianças no contexto de jardim de infância, neste caso o que elas se sentem, o que os outros sentem em relação a estas crianças; o que eles conseguem fazer mais do que os conceitos é mais a participação, o saber estar, o estar incluídas no grupo e que sintam bem no grupo e que o grupo se sinta bem com eles. O principal problema poderei arriscar dizer que é estar integrado no grupo é o grande problema”.

Entrevistador: **“Que importância atribui à inclusão destas crianças num grupo normal? “**

Ed. de ensino especial: “Estou completamente de acordo pelas crianças com NEE e pelas outras, pois ter crianças com NEE é uma mais-valia, porque somos todos diferentes e as crianças começam desde cedo considerar a diferença como algo normal. Isso é importante para a vida delas. Para as crianças com NEE o poder contribuir para o grupo e receber do grupo o feedback necessário é o que eles merecem e têm direito e o que é normal e deveria ser.”

Entrevistador: **Neste momento como avalia a evoluções das crianças?**

Ed. de ensino especial: “Temos crianças com diferentes evoluções. Em relação a este grupo de um grosso modo posso considerar que a nível da relação podemos notar que há um menino que tem tido sem dúvida uma evolução, pois

esse menino acaba por mostrar mais alegria no convívio com os seus pares, havendo assim alterações significativas nesta criança, que eu sei que há um ano não se notava.”

“A outra criança mais propriamente a evolução dela tem momentos de progresso e de retrocesso, sendo que na situação dele por vezes consegue se situar mais um pouco, pois se tem evolução numa área tem retrocessos noutra. A quantificar temos de ver em que tipo de áreas há evolução e retrocesso.”

Entrevistadora: “ **Quais são as maiores dificuldades que apresentam?**”

Ed. de ensino especial: “A parte da interação por parte deste último menino, digamos a parte social, relacional e pessoal é essa que está em défice e é esta que está sempre diga-mos amparada. Há que ajudá-lo a prevenir a situação, porque estas crianças começam a pontuar negativo, isto é, num dia na escola têm situações boas, mas depois os maus momentos são sempre mais que os bons. Quando nós dizemos ele portou-se mal no final do dia consideramos sempre os momentos em que ela teve uma relação negativa com os outros. Mas há outras coisas em que ela é boa, mas só que na altura o que nos preocupa é o que ela fez mal e isso é automático, porque se globalmente se portou bem temos de o valorizar. Em relação ao outro menino eu considero que a relação está sem dúvida numa grande evolução. O que me preocupava no início e que ele estava um pouco isolado.”

Entrevistador “ **Qual a função da família na evolução das crianças?**”

Ed. de ensino especial : “A escola e a família têm de estar juntas, estar a par do que corre bem e do que não corre bem com estas crianças, porque as próprias famílias destas crianças muitas vezes sentem-se atrapalhadas e inseguras e por isso não conseguem lidar com estas crianças. Par esses pais e mães a responsabilidades são maiores de ajudarem uns aos outros. Para haver evolução nestas crianças a família tem que ir em frente, porque se começa ficar para trás não estas crianças não avançam tão e elas necessitam de estabilidade. Às vezes a dificuldade está em sermos capazes, porque há famílias que são fechadas têm mais problemas, outras não, ou são receptivas e

estão de braços abertos. Um dos pais destas crianças tem muita confiança e segurança na educadora e foi a confiança que pai tem que faz o trabalho fluir mais rápido e obviamente a evolução é maior. A confiança no que a educadora diz em relação ao que deve ser feito, faz com que esta criança se sinta mais segura e eles sentem quando as pessoas estão unidas e gostam. E eles ouvem tudo em casa e como eles já compreendem eles sentem isso. Esta criança é um caso de sucesso.”

A outra criança também é um caso de sucesso, mas é um caso mais grave.”

Entrevistador: ” **E dos Educadores e técnicos?**”

Ed. de ensino especial: “O papel principal dos educadores é o favorecer o carinho, colocar os obstáculos, desviar outros e manter esse carinho que a criança deve ter. Não é propriamente ajuda-la a ser capaz, as competências dizem mesmo estas crianças devem ser capazes de. Essas crianças quanto mais capazes de fazer o que for e no jardim de infância de atingir objetivos mais depressa se vão tornar autónomos. Por exemplo M já vai sozinho à casa de banho, já desce as calças descarrega o autoclismo e é isso mesmo, porque quanto mais são capazes de fazer tudo, melhor se sentem e a auto estima deles eleva-se. A imagem que eles passam ao grupo é também educar e nos também devemos ressaltar isso no grupo, porque quando estamos com o grupo eles contam o que correu mal e o que correu bem e em “reunião” nós falamos sobre isso com as crianças, mas também perceber porque é que isto aconteceu. E uma criança ser capaz de ajudar a outra com NEE, é importante para perceber que aquele menino não conseguia e agora já consegue. E o resto dos meninos ficarem contentes faz com que esses meninos se sintam muito mais contente. Os outros devem valorizar as atitudes positivas destas crianças.”

Entrevistador: ” **As crianças com NEE já manifestaram algum comportamento que demonstre empatia ou antipatia pela educadora? De que forma?**”

Ed. de ensino Especial : “Quando estas crianças geralmente nos poem a mão na cara e olham nos nossos olhos é quase para perguntar estás cá, estas aqui

comigo, queres brincar comigo? Quando eles acabam de fazer alguma coisa eles olham para nós, porque querem saber se aquilo que fazem está bem ou está mal? E quando está bem devemos dizer muito bem e reforçar sempre à frente dos outros meninos.”

“Às vezes essas crianças têm momentos de antipatia para connosco e muitas vezes essas crianças precisam da nossa parte de um não, uma voz firme e uns braços apertados porque eles têm mesmo de parar e eles não conseguem parar. O facto de nós verbalmente e corporalmente dizermos não que é o parar mesmo, para eles ajudam-nos a imobilizar-se e passar para outra atividade ou assunto e até mesmo para relaxar. Há altura o não, não funciona. Mas o não, não poder ser dito em todas as coisas que eles fazem, até pode acontecer que tudo o que ele está fazer nós até queremos dizer não, mas temo mesmo é que reforçar aquilo que ele faz bem e depois surge por vezes surge um isso não e é uma maneira deles se autocontrolarem. Por vezes estas crianças arrumam os brinquedos, brincam sossegados fazem as coisas bem e não tem feedback de que estar fazer bem e de repente têm uma enorme vontade de atirar uma cadeira para o chão nós aí devemos dizer não, mas a seguir dizer muito bem, tu também arrumas-te bem os brinquedos. Eles precisam dos olhares, dos elogios dos outros, das palmas e sentir o gesto dos outros.”

Entrevistador: “ **As crianças estão recetivas ao toque? E ao olhar? Fazem verbalizações específicas?**”

Ed. de ensino especial:” As restantes crianças até são muito amigas deles. M precisa muito de gesto carinhoso vindo de outra criança, que não é tão habitual. Umas destas crianças com NEE um dia foi com a mão em direcção à cara de outra criança utilizando um gesto rude, converteu-se num gesto de carinho porque a outra criança ela começou-lhe a fazer caricias com as mãos no rosto da criança com NEE converteu-se no momento feliz para ambas as crianças. Esta criança teve um procedimento espetacular com M. Esse trabalho que as crianças fazem com os seus pares é poderoso, agora nós é que temos de sensibilizar para os momentos de afeto, para eles valorizarem e experimentarem com os seus pares.”

Entrevistador: “ **Qual é a relação das crianças com NEE com os seus pares?** ”

Ed. de ensino especial: “O que estas crianças transmitem aos outros é: gostem de nós por favor. Se eles forem amados sentem bem. Eles gostam de estar na escola e do seu grupo, eles gostam das educadoras e das auxiliares, porque eles chegam aqui á escola e querem fazer as rotinas. “

Entrevistador:” **As crianças sem NEE demonstram interesse em cooperar e brincar com as outras crianças com NEE? Como o fazem?”**

Ed do ensino especial. “Muitas vezes o cooperar e o brincar com essas crianças aos outros não as seduz assim tanto, porque elas querem dar continuidade à sua brincadeira e não conseguem interagir e no fundo essas crianças com NEE vão travar o interesse que as outras têm. Muitas vezes estas crianças com NEE estão na casinha acabam por brincar e o resto das crianças deixam nos entrar mas não brincam com elas. Se o adulto estiver por perto pode melhorar essa situação, fazer com que as crianças com NEE aprendam a brincar com o grupo tornando a brincadeira importante par estas crianças. Tanto as crianças com NEE como as restantes crianças sentem-se mais seguras por estarem a brincar e ter o adulto ali ao lado. O facto de o adulto estra presente as crianças sentem que a brincadeira vai correr bem para os dois lados.”

Entrevistador: “**As crianças estão conscientes da problemática das crianças com NEE?**”

Ed. do ensino especial: “O grupo tem plena consciência de como estas crianças são. Há certas crianças por acharem e por sentirem que aquela criança é diferente acham que tem de suportar mesmo que ela as esteja a bater ou estragar os seus trabalhos. E acabam por ficar inactivos e acabam por terem medo de M. Afastam-se mesmo dela e porque sabem que não vão compreender o que ela está dizer e olhando para o adulto como mediador. No caso deste menino a prevenção é muitíssimo importante, porque antes de atuarmos nós já sabemos que vai implicar e intervir com as brincadeiras dos outros, porque nos já sabemos que a partir de certa altura as coisas já não vão fluir. E temos de o ajudar para que não chegue esse momento, porque se

fizemos com que as coisas para M corram bem ao final do dia sente necessidade ser valorizado. Quando ele está mais agressivo ele tem necessidade de fazer algo novo e diferentes ritmos, espaços.”

O entrevistador. “ **Como é que as outras crianças reagem aos seus comportamentos das crianças com NEE?**”

Ed. do ensino especial: “O caso de M sim. No caso da outra criança pode brincar se sentir que o adulto é mediador. Esta criança não está preparada para saber esperar pelo outro. Pode acontecer que se ela brinca de uma determinada maneira a outras crianças vão querer imitá-la. A melhor maneira de começarem a brincar juntos é verificar qual é o interesse dela, e então se eu a chamar outra criança de fazer com ele algo diferente iria funcionar. Eu admiro as outras crianças, porque não questionam porque é ele faz diferente, não o julgam. Quando as crianças brincam com ele devemos dar-lhe protagonismo, porque ele quer estar no meio dos outros. De certeza que o grupo para o ano terá uma atitude positiva em relação a ele. Ele aí irá sentir que é valorizado pelo grupo e sente que faz parte.”

## Entrevista à Educadora Cooperante

Entrevistado: Educadora

Entrevistador: Estagiária

Dia: 21/05/2014

Hora: Início- 13.30h Fim: 14h

Entrevistador: **“Como vê a relação nesta sala entre as crianças com NEE e o restante grupo? E qual a relação do grupo de crianças com as crianças com NEE?”**

Educadora: “Acho que a relação que eles têm deles é boa de uma maneira geral, acho que eles percebem perfeitamente que essas crianças podem fazer algumas coisas e eles não; que eles são limitados em algumas coisas e não são criticados por causa disso. Embora haja uma criança que com as suas limitações é agressiva por vezes e aí sim o grupo já não gosta. Andaram muito tempo a fazer queixa dessa criança, mas agora já estão mais crescidos, pois a capacidade de verbalizar as coisas também é diferente.”

Entrevistador: **“As problemáticas das crianças com NEE são de que tipo?”**

Educadora: “Tenho crianças como o M, que começou muito mal, inicie o ano passado com ele e não sabia muito bem o que é que ele tinha. Entretanto com a ajuda da ELI, dos pedopsiquiatras fomos tentando perceber um bocado o M, no entanto não foi nada diagnosticado ao M. Neste momento tem dificuldade em grande grupo e na linguagem por ser também um bocado envergonhado não consegue aventura-se nessa área.”

“Depois há outra criança que também não sabemos o que tem, não está diagnosticado o que tem, mas também está ser seguido por várias entidades e aí sim não vejo grandes melhorias. Pode haver melhorias de um dia para o outro, mas também não sei dizer o que é que ele tem, nem vejo grandes melhorias.”

“Em relação às outras duas crianças são gémeas têm vários problemas de saúde desde que nasceram, mas associado a isso, têm um grande défice de linguagem. Andam na terapia da fala e uma delas precisa agora de terapia



ocupacional. Neste caso também nada está diagnosticado a este nível a não ser os problemas de saúde.”

**Entrevistador: “Como desenvolve o seu trabalho com as diferentes crianças com NEE?”**

Educadora: “Essas crianças têm todos acompanhamentos fora, o que é muito pouco uma vez por semana. Em relação a M é tentar que ele fale em grande grupo que é onde ele se sente mais inibido. Não podemos estar sempre a insistir com ele, se não ele retrai e não fala nada, mas acho que M está muito bem neste momento.”

“As outras duas crianças acho que com as rotinas do jardim de infância estão-lhes a fazer muito bem, claro que um dos gémeos precisa de mais atenção em alguns sítios, mas não em todos, pois obriga-os a cumprir a rotina era o que lhes falava muito. O trabalho com estas crianças também está funcionar bem.”

“Com a outra criança e um grupo de 17 crianças é muito difícil fazer um trabalho individual com ela. Não posso deixar os outros 16 e estar só com ele. É uma criança que me respeita e consigo que ele esteja sentado minimamente, mas não é fácil, porque ele não cumpre regras, não consegue fazer a rotina do jardim de infância e portanto não é fácil.”

**Entrevistador: “Que atividades ou estratégias desenvolve na sala com vista à participação destas crianças nas atividades com o restante grupo?”**

Educadora: “Em relação às três crianças que falei não precisam de estratégias diferentes, precisam sim de uma insistência maior, eles integram-se bem. Em relação à última criança acho que ou se está completamente só com ele experimentando atividades novas, material novo e que só funciona da primeira vez que é apresentado. Na segunda vez já não tem qualquer tipo de interesse.”

Entrevistador: **“Como é que as crianças com NEE se integram nessas dinâmicas?”**

“ As três primeiras muito bem, a última foi como disse no dia que é novidade até aguenta 10 minutos a 15 minutos sentado a desenvolver atividade, mas depois não consegue.”

Entrevistador: **“Que tipo de dificuldades sente enquanto educadora com estas crianças?”**

Educadora :“ É muito complicado, porque temos de fazer uma escolha como educadora. Temos um grupo inteiro que está depender de nós que não tem apoio de mais ninguém e temos crianças com necessidades educativas especiais, que são apoiadas dentro da instituição e fora da instituição. E depois temos de ir gerindo um bocadinho, porque se o resto do grupo já conseguir atingir algum objetivo e já consegui chegar lá, então passo para os outros. Neste grupo em concreto as crianças que falei em primeiro lugar acham que se integram completamente, portanto ao fazer as planificações e ao pensar no plano de sala, não é preciso pensar em nada de diferente. Se calhar insistir mais um bocado com um em alguns aspetos com outro em diferentes aspetos.”

“Com esta ultima cria é preciso, mas nem as pessoas que têm uma formação específica nesta área, neste momento não conseguem definir o que é melhor para ele. Tenta-se fazer por esta tentativa, por outra tentativa, mas neste momento toda a gente trabalha com ele por tentativa erro para perceber o que se passa com ele. “

Entrevistador: **“Ao apoiar as crianças com NEE dentro da sala sente-se mediadora entre as crianças e aprendizagens? ”**

Educadora: “Sim este é o sítio ideal para essas aprendizagens de contexto de jardim de infância, com amigos, com professores com regras estabelecidas e acho que este é o melhor sitio para eles terem essas aprendizagens e nós que estamos cá com eles temos que ser mesmo mediadores dessas aprendizagens.”

Entrevistador: **“Acha que a formação inicial prepara devidamente os educadores para trabalhar com crianças com NEE?”**

Educadora: “ Não. Definitivamente não eu trabalho à quase 14anos e nunca me deparei com um grupo assim.

Entrevistador: **“Acha que a formação complementar ou a especialização em educação especial é importante?”**

Educadora:“ Tive uma disciplina que se falava em alguns casos, fiz um trabalho teórico e prático, mas quando passamos para a prática é bem pior. Se as próprias técnicas que estudam especificamente para isso, com esta última criança que referi não sabem muito bem o que vão fazer, andam numa de tentativa erro, nós na nossa formação é tudo mais geral.”

Entrevistador: **“Sente que existe preocupação por parte da educadora do ensino especial em colaborar e articular consigo o trabalho?”**

Educadora: “ Acho que há um esforço mas nem sempre é possível, primeiro porque a educadora do ensino especial tem que fazer outro tipo de atividades que o resto do grupo não precisa nem os cativa minimamente. E acho que temos um bocadinho uma maneira de pensar diferente em relação a essa criança que está com ela. Na minha opinião podemos puxar mais por ele, exigir muito mais dele, porque ele compreende e percebe, por isso podemos exigir e não julga-lo pelas coisas que ele faz. Vamos percebendo que há coisas que ele faz que impossível contornar obviamente, pois ele não consegue estar mais de 5 minutos sentado se não for agarrado, mas também esses 5 minutos tem que os ficar sentados, porque há coisas que ele não consegue, pois acho que não devemos desculpar tudo e ser exigentes, porque ele vai ter de viver em sociedade e tem de ser preparado para isso.”

Entrevistador: **“Que tipo de trabalho é desenvolvido entre a docente do ensino especial, a educadora e outras instituições externas no apoio a estas crianças?”**

Educadora: “ Há reuniões para definirmos objetivos, quando estou com eles proponho alguns objetivos e eles propõe outros objetivos. Há uma equipa que trabalha com estas crianças, define alguns objetivos e depois todos nós temos de tentar que sejam atingidos. Seja na escola, em casa, noutra instituição, nos médicos para tentar que sejam cumpridos. Pois nesta última criança que tenho referido poucos foram os objetivos atingidos.”

Entrevistador: **“Atualmente, qual é a sua opinião sobre a inclusão de crianças com NEE?”**

“Acho que não se deve rejeitar crianças com algum problema e para exemplo disso na sala temos 4 crianças com necessidades educativas. Agora acho que quando começa a afetar o grupo e não só o grupo, quando começa a afetar a instituição, quando começa até chegar a pais que uma criança que é agressiva, não pelos profissionais mas pelas próprias crianças. E quando começa a chegar aos pais esta criança precisa de mais ajuda. Obviamente que não vamos por fora da instituição, mas acho que não há instituições como a ELI ou o apoio que a ELI dá é muito pouco para conseguirmos batalhar isso, ou é uma instituição que tem uma funcionária só para esta criança ou então torna-se muito complicado para as outras crianças, para os outros pais lidarem com isso e as próprias instituições não tem apoio para ir pedir a ninguém para ficar com ela. Sou a favor da inclusão dele na instituição, mas não é fácil dependendo da necessidade de que nós estamos a falar.

Dos 4 meninos que temos na sala, apenas um é difícil tê-lo num grupo e os outros três estão perfeitamente integrados.”

“Acho que os pais estão mais alertados para estes problemas, antigamente também os havia, mas os pais não estavam tão dispostos para ver estas problemáticas deixando passar um bocado. Hoje em dia, tanto pais, como as escolas estão um bocado mais alertados e portanto mais atentas e têm havido intervenção precoce o que permite estimulá-los mais, e vê-se no caso do M

começou aos 2 anos como apoios da educadora do ensino especial e neste momento há uma diferença gigantesca.”

Entrevistador: **“Tem crianças com NEE incluídas na sua sala? Como vive essa experiência?”**

Educadora: “Muito bem. Só me enriqueceu lidar com crianças com necessidades educativas especiais e comecei com uma o ano passado e hoje tenho quatro, mas acho que só enriqueceu o meu trabalho e só aprendo com este trabalho e depois também tem haver um bocadinho com aquilo a gente acredita e às vezes é um bocadinho de momento. Como já referi anteriormente não temos muita formação, por isso temos de ir pesquisando, trabalhando e perguntando às educadoras do ensino especial e quando estamos com os psicólogos perguntámos e aqui sempre estive disponível para falar com qualquer uma e tenho pedopsiquiatras que me ligam para falar comigo e eu aí colo as minhas questões e vamo-nos ajudando uns aos outros.”

Entrevistador: **“Em relação ao trabalho que desenvolve na sala, que tipo de trabalho desenvolve com os alunos com NEE?”**

Educadora: “Com as três primeiras não, desenvolvo com o grupo porque estas três crianças são perfeitamente capazes. Com esta ultima é como disse é por tentativa erro, tento alterar a planificação para ver se ele consegue e nos dias em que ele consegue é uma vitória.”

Entrevistador: **“Como descreve, segundo a sua experiência, o relacionamento estabelecido entre crianças com e sem NEE?”**

“ Acho que elas são mais protetoras em relação às crianças com NEE sem dúvida. São muito mais protetoras, têm consciências que são diferentes e que muitas vezes não conseguem. Isto mudou, porque em Setembro tentavam imitá-las e a relação entre as crianças com NEE e o grupo foi um bocadinho complicada. Depois delas perceberem, neste momento elas fazem queixa porque não tem outra escapatória para se defender na sala a não ser fazer

queixa, porque se houvesse outra escapatória elas não faziam queixa e conseguiam-se defender-se.”

Entrevistador: **“Do ponto de vista das crianças, como é que julga que as crianças sem NEE vivem e sentem a inclusão de crianças com NEE?”**

Educadora: “Acho que isso depende um bocadinho do adulto e aquelas três primeiras crianças que referi nem o próprio grupo ainda se apercebeu que há ali qualquer coisa de diferente. Tem dificuldades na linguagem mas não é nada que a eles o chame muito a atenção. Em relação M percebem e não sabem o que é que tem, não fazem questões, não o julgam e por isso eles perceberam que ele é diferente em certas coisas.”

## Entrevista realizada às crianças

Entrevistados: crianças

Entrevistador: Estagiária

Dia: 13/05/2014

Hora: Início- 17h Fim: 17.40 h

Entrevistador: **Costumam brincar com todos os meninos/as na sala? Se não, porquê?**

Criança G- “Não. Não brinco com o M, ele empurra, porque ele é mau. E às vezes não brinco com C, porque ela bate e puxa os cabelos aos meninos.”

Criança D-“ Não. Às vezes não brinco com C, ela bate e empurra. Está sempre a tirar as coisas.”

Criança D “ Quando sento na fotografia A bate.”

Criança D-” Não brinco com M, ele bate, empurra e dá pontapés.”

Criança J-“ Não brinco com A, C e o M. C bate às vezes e morde. Ela já bateu-me tantas vezes. Mas M bate muito.Com A brinco, ele às vezes é muito fixe outras é um bocadinho mau, ele bate. A bate, C bate e M bate.”

Criança G –“A mordeu –me umas vezes, porque ele é mau e feio.”

Criança D- “Não, M bate, empurra e dá pontapés”

Entrevistador: **Porque é que acham estes meninos vos empurram?**

Criança G- “Eles são maus, porque eles batem”.

Criança D-“ Não sei.”

Criança D-“ Não sei porque eles fazem isso”.

Entrevistador: **E quando esses meninos vos batem os que vocês costumam fazer?**

Criança D-“ M e C empurram-me e depois tenho que empurrar.”

Criança J-“ Bato também a eles. Só empurro M. E sabes eu digo para C pára quando ela bate. A (A )e a C não empurro. “

Entrevistador- “Então o que fazes?”

Criança J-“ Não faço nada.”

Criança D” Não faço nada”.

Entrevistador: **Esses meninos/as fazem as mesmas coisa que vocês, dentro da sala?**

Criança J-“ M não faz, mas C sim A também faz.”

Criança G-“Não. Eles não conseguem.”

Criança D- “C faz mas faz muitos riscos nos desenhos dela e estraga.”

Criança D- “M não faz as mesmas coisas, porque ele não sabe. Não faz as coisas que nós fazemos, porque é especial. Ele não sabe falar. Faz barulhos com boca. E ele não sabe chamar nada. Ele bate por isso.”

Criança D-“ Às vezes mas o M faz poucas”

Entrevistador: **E costumam ajudar esses teus colegas quando tem muitas dificuldades?**

Criança G- “Não, quem ajuda são as professoras.”

Criança J- “Sim a sentar no chão ou na fotografia. O M não fica calminho .”

Criança D- “sim, faço jogos C às vezes não consegue”.

Criança D-“ não”.

Entrevistador: **O que é que os meninos (as) podem fazer para ajudar esses meninos com mais dificuldades?**

Criança D-“ Dar beijinhos. Às vezes dou beijinhos ao M e ele fica calminho, só que depois ele bate.”

Criança J- “Eu às vezes dou abraços, mas é poucas vezes. Ele dá poucos abraços. Sabes eu gosto mais dele quando ele dá-me abraços, mas é poucas vezes.”

Criança J- “ A Maria Paula ajuda o M a dar beijinhos e abraços aos meninos.”

Criança D-“Ele fica mais calminho.”

Criança G”- A parar. AS professoras ajudam o M a fazer festinhas. Mas às vezes as professoras ralham com eles.”



Criança G- “ Eu gosto de brincar com M quando ele dá beijinhos e abraços.”

Entrevistador: **Quando trabalham em grupo, costumam trabalhar com esses colegas?**

Criança J- “ Só com C e A. Mas com M não.”

Criança G- “O M estraga as nossas coisas e vai para baixo das mesas.”

Criança J- “Ajudo a sentar no chão e em cima da fotografia, só que M depois bate em nós.”

Criança D- “ Não”.

Entrevistador: **Em relação aos vossos amigos, acham que eles gostam de brincar com esses meninos (as)?**

Criança D- “Não. As vezes brincam com C, mas só quando a C não bate nos meninos.”

Criança J- “Não eles não gostam, porque eles batem nos meninos da sala.”

Criança G- “Não”

Criança D- “ Não, porque eles batem nos nossos amigos”

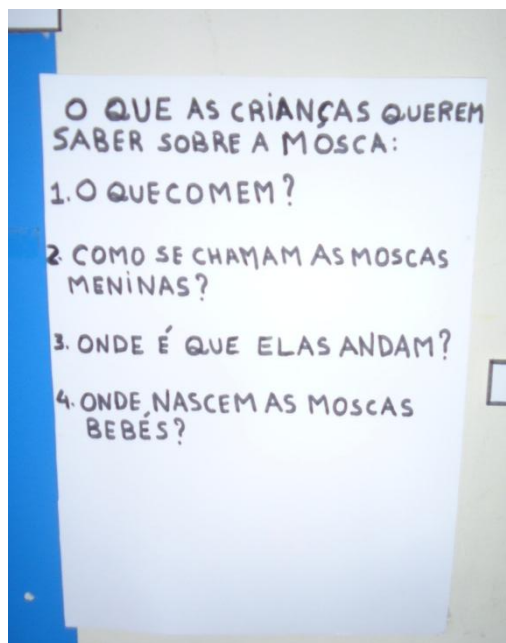
Entrevistador: E no recreio, costumam brincar com ele (s)?

Criança J- “Quando eles batem não gosto. Sabes o M às vezes porta-se bem, mas é poucas.”

Criança G- “Não.”

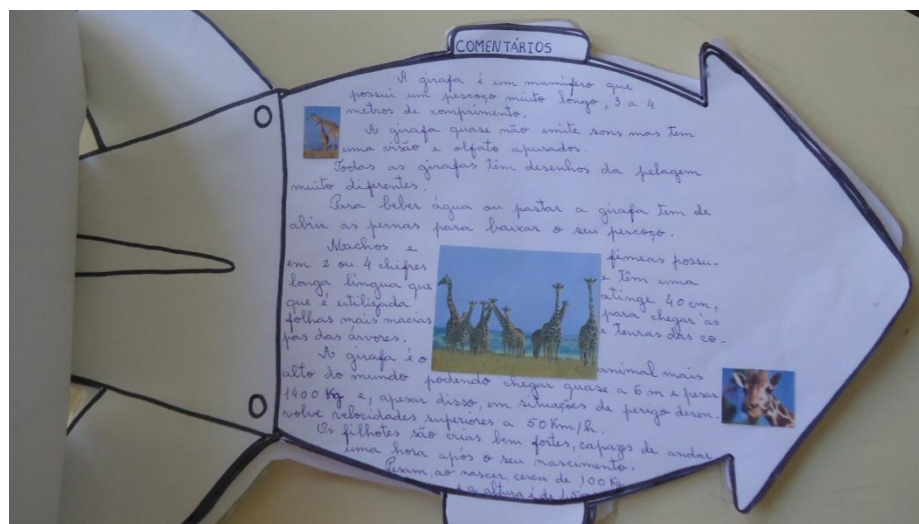
Criança D” Com C, mas quando não bate”.

## Anexo 10- Registo do projeto



Questões colocadas pelas crianças

## Livro "Vai e Vem"



Registo feito pelas crianças e pelos pais



Registo de desenho



Colagem das fotografias dos animais

## Anexo 11- Reflexão sobre o Projeto Lúdico

### Reflexão projeto lúdico

Inês Saraiva 07-05-2012

Sabe-se que a Educação Pré-Escolar, segundo VASCONCELOS (2003:15), nos últimos dez anos teve, em Portugal, um desenvolvimento significativo. Verificaram-se algumas mudanças recentes no sistema de Educação Nacional. São exemplos a publicação das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, a nova Lei-Quadro (Lei nº. 5/97) (Idem) e os modelos curriculares adotados.

Como afirma SPODEK e BROWN (2002:194) *“um modelo curricular é uma representação ideal de premissas teóricas, políticas administrativas e componentes pedagógicas de um contexto que visa obter um determinado resultado educativo.”* Estes modelos baseiam-se em possíveis recursos e estratégias que facilitem a aprendizagem para as crianças, bem como uma seleção do que é realmente essencial para as crianças saberem. O educador adotará o modelo que mais se identificará com a sua prática educativa. Contudo, pode incluir nessa prática algumas das ideologias de cada um, PIRES (2007:63) afirma que *“em Portugal os educadores de infância utilizam diferentes modelos, não se enquadrando a sua acção educativa especificamente em nenhum, adotando, antes, pequenas particularidades de cada um deles.”* Na sala dos 3anos, onde se encontra a estagiária, o modelo que sustenta a sua prática é a abordagem metodológica conhecida por Trabalho de Projecto também referenciada em termos de Metodologia de Projecto. Para Katz (1994), *“um projeto é uma investigação em profundidade sobre uma situação problemática que seja considerada pertinente quer para a intencionalidade educativa do educador, quer para a vivência da criança.”* (cit. MENDONÇA, 2002: 81) Esta investigação é levada a cabo, normalmente, por um pequeno grupo de crianças, dentro de uma sala, podendo estender-se a todo o grupo ou focar-se apenas numa criança. Na sala em assunto, a investigação abrange todo o grupo, mas é completada pela estagiária, devido à faixa etária das crianças. O papel da estagiária consiste também na motivação e estimulação do grupo para exploração do

tema de interesse. A abordagem de projetos consiste, assim, num estudo aprofundado de um tópic do interesse do grupo, havendo a participação ativa por parte do grupo de crianças. Retomando como exemplo a sala dos 3 anos, constata-se que o projeto lúdico da sala refere-se aos animais, tanto animais da quinta como animais da selva.

Sabe-se que a Metodologia do Projecto está dividida em quatro fases: “Definição do Problema”; “Planificação”; “Execução” e “Avaliação/Divulgação”. (VASCONCELOS). Assim, na sala dos 3 anos, definido o problema de estudo, partiu-se para a planificação do projeto lúdico. Para tal, o grupo decidiu o que queria fazer e os animais que queriam conhecer. No entanto, o grupo não conseguiu dar resposta ao “como fazer”, tendo esse trabalho sido auxiliado pela estagiária. Seguidamente, iniciou-se a execução do projeto lúdico, onde se apresentar características de diferentes animais e construíram alguns animais da quinta a três dimensões. O projeto lúdico, ainda não foi divulgado pois ainda não se encontra concluído. Durante este processo, uma das questões mais frequentes da estagiária consistiu em perceber se estaria a “impor” uma proposta sua, motivando as crianças para o desenvolvimento do projeto, ou se estaria de facto a dar oportunidade para que as crianças participassem realmente na decisão de desenvolver o projeto. Para dar resposta a esta questão a estagiária, através da assembleia semanal, questionava ao grupo a cerca do projeto, reconhecendo a sua motivação e se queriam ou não continuar. E, de facto, o grupo mostrou-se muito interessado em desenvolver o projeto, pois todos eles querem participar na elaboração dos animais em três dimensões, bem como vão sugerindo sempre quais os animais que querem “conhecer”. Ressalta-se que todo este trabalho é levado a cabo paralelamente à instrução sistemática, isto é, realizam-se atividades relacionadas com o projeto lúdico, simultaneamente, realizam-se atividades não relacionadas com o projeto lúdico, envolvendo os diferentes domínios.

Assim, a Metodologia de Projeto, pode ser considerada uma educação aberta, onde os interesses e motivações das crianças são fundamentais para o desenrolar do mesmo e na qual as mesmas realizam avaliação do trabalho. Sabendo que *“um dos principais objetivos da educação é melhorar a compreensão dos alunos em relação ao mundo que os rodeia e fortalecer a sua vontade de continuarem a aprender.”* (Katz, L. & Chard, S., 1997:10), justifica-se, portanto, a importância de uma Metodologia de Projeto.





**Anexo 12- Momentos em grande grupo**



**Momentos em grande grupo**



**Momentos em grande grupo**



### Anexo 13- Momentos em pequeno grupo



